



TRANSFORMANDO O MUNDO

**MENINAS E JOVENS
MULHERES ATIVISTAS
LIDERANDO A LUTA
PELA IGUALDADE**



GIRLS OUT
LOVA

TRANSFORMANDO O MUNDO

Meninas e jovens mulheres ativistas
liderando a luta pela igualdade

SUMÁRIO

Como ler e utilizar este documento	02
Visão geral das participantes	03
Questões da pesquisa	06
Fontes de conhecimento sobre as questões	09
Tipo e nível de ativismo	10
Percepções do impacto do ativismo	11
Atividades de maior impacto	11
Fundos para apoiar o ativismo	14
Obstáculos para o ativismo	14
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)	17
O futuro do ativismo	17
Pedidos de apoio	17
Recomendações	17
Chamadas à ação	18

COMO LER E UTILIZAR ESTE DOCUMENTO

ESTRUTURA E CONTEÚDO

Este documento traz dados importantes e inclui conclusões para as principais seções da pesquisa global Transformando o Mundo - Meninas e jovens mulheres ativistas liderando a luta pela igualdade.

ENTENDENDO AS LIMITAÇÕES E COMO INTERPRETAR OS DADOS

É importante notar que as limitações se aplicam tanto à análise de dados no relatório global quanto às conclusões que podem ser tiradas dele, assim como à análise de dados de cada país. Abaixo, você pode ver as notas mais importantes a serem consideradas.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)

Em relação às perguntas feitas às meninas e jovens mulheres sobre os ODS – as informações a seguir foram compartilhadas com elas antes de passarmos às perguntas sobre os ODS:

Os [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável](#) são um apelo universal à ação para acabar com a pobreza, proteger o planeta e melhorar a vida e as perspectivas de todos e todas, em todos os lugares. Os 17 Objetivos foram adotados por todos os Estados-Membros da ONU em 2015, como parte da [Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável](#), que estabeleceu um plano de 15 anos para alcançar os Objetivos. Ela propõe 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável, como a ação sobre as alterações climáticas e a erradicação da fome. Os objetivos foram formulados por meio de uma abordagem colaborativa entre diferentes grupos, tais como governos de Estados-Membros da ONU, ONGs, consultas de base e jovens. Os objetivos são universais na sua natureza, o que significa que cada Estado-Membro da ONU se comprometeu a alcançá-los. Um dos objetivos também visa especificamente a igualdade de gênero.

VIESES POTENCIAIS DA METODOLOGIA DE PARES

Limitação 1: Nossas copesquisadoras vêm da comunidade estudada. Isso significa que tiveram acesso a outras ativistas que talvez não estivessem dispostas a se envolverem com pesquisadoras profissionais. As nossas copesquisadoras conseguiram utilizar suas redes e relações de confiança existentes para abordar outras ativistas para participarem da investigação e trazerem consigo a vantagem das suas próprias experiências. Além disso, as participantes podem responder de forma mais honesta e aberta a uma copesquisadora que conhecem e que têm experiência pessoal na questão discutida, e assim podem falar de forma mais informal. No entanto, é possível que o viés também tenha sido introduzido tanto pelas entrevistas das copesquisadoras com ativistas das suas próprias redes e contatos quanto por meio de sua própria familiaridade com o tema.

Limitação 2: As copesquisadoras foram recrutadas de diferentes redes e parceiros dos Escritórios Internacionais da Plan, o que pode configurar um viés de interesse no tema e nos tópicos centrais do trabalho da Plan International.

Limitação 3: A maioria das copesquisadoras e respectivas entrevistadas contaram com a ferramenta de acesso on-line ou com um telefone para realizar a entrevista. Alguns países realizaram as suas entrevistas pessoalmente, mas para isso a maioria das meninas e jovens mulheres precisava ter acesso suficiente a dispositivos com internet ou a uma ligação telefônica.⁷⁵ Isso quer dizer que meninas e mulheres sem acesso à internet ou a ligações telefônicas, muitas vezes aquelas em situação de maior vulnerabilidade, não conseguiram compartilhar as suas experiências em alguns países.

FALTA DE GENERALIZAÇÃO DA PESQUISA

Limitação 1: Em média, a pesquisa foi respondida por 32 jovens mulheres ativistas por país. No entanto, é provável que elas se identifiquem com valores e interesses da Plan International. Portanto, não se pode dizer que suas respostas representam as opiniões das ativistas de cada país ou mesmo globalmente.

VISÃO GERAL DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

No Brasil, 147 meninas e jovens mulheres ativistas participaram da pesquisa, realizada em português.

TODAS AS ENTREVISTADAS E PARTICIPANTES NAS DISCUSSÕES DOS GRUPOS FOCAIS ESCOLHERAM OS SEUS PRÓPRIOS PSEUDÔNIMOS, QUE SÃO UTILIZADOS EM TODOS OS RELATÓRIOS SOTWG. AO LONGO DESTA FICHA INFORMATIVA, OS PSEUDÔNIMOS DAS MENINAS E JOVENS MULHERES SÃO USADOS NO TEXTO, JUNTO COM SUA IDADE NO MOMENTO DA ENTREVISTA OU DO GRUPO FOCAL.

Para participar da pesquisa, as jovens precisavam se identificar como ativistas, influenciadoras ou participantes de campanhas, ou precisavam ter feito parte de qualquer uma das seguintes atividades:

Tabela 1: Atividades com a participação de meninas e jovens ativistas.

ATIVIDADES COM A PARTICIPAÇÃO DE MENINAS E JOVENS ATIVISTAS	%
Arrecadaram fundos para um grupo ou organização para apoiar atividades de campanha	35%
Falaram ou se envolveram em atividades de <i>advocacy</i> (incidência política) ou em campanhas (on-line ou pessoalmente)	55%
Falaram com a mídia como parte de uma campanha	38%
Participaram de um grupo para promover mudanças sociais ou sistêmicas (on-line ou pessoalmente)	61%
Envolveram suas redes por uma ativista, grupo de <i>advocacy</i> ou campanha (on-line ou pessoalmente, de forma voluntária)	53%
Envolveram-se em protestos individuais, como boicotar marcas	38%
Utilizaram suas habilidades ou talentos (por exemplo, redação, organização, criação ou arte) em atividades de <i>advocacy</i> , influência ou campanha	61%
Pressionaram pessoas com poder de decisão (de forma pessoal ou voluntária)	25%
Participaram de manifestações, protestos, marchas ou outras atividades similares	49%
Participaram de greves, sindicatos ou atividades semelhantes em contexto de trabalho	27%
Organizaram ou ajudaram a organizar um grupo ou movimento (on-line ou pessoalmente)	40%
Criaram ou organizaram uma petição (on-line ou pessoalmente)	22%
Nenhuma	2%
Preferem não dizer	1%

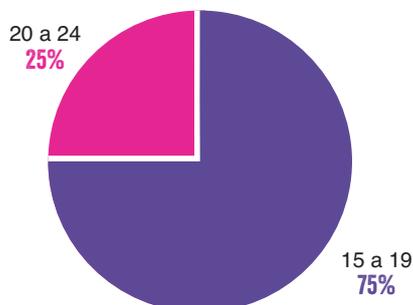
Com base em um total de 147 respostas.

Idade: As meninas e jovens mulheres pesquisadas tinham entre 15 e 24 anos. A maioria das participantes (75%) tinha entre 15 e 19 anos, enquanto a minoria (25%) tinha entre 20 e 24 anos. Veja a figura 1a.

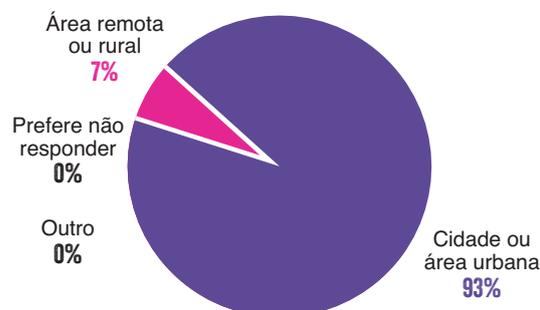
Local: As meninas e jovens mulheres pesquisadas vivem principalmente em áreas urbanas (93%). As demais residem em zonas rurais (7%). Veja a figura 1b.

FIGURA: DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR IDADE E LOCAL DE RESIDÊNCIA.

a. Idade



b. Local de residência



Com base no total de 147 respostas.

Características interseccionais: Mais de 40% das participantes se identificaram como negras. Mais de 30% das entrevistadas têm ensino superior.

- **61%** se identificam como LGBTQIAP+
- **41%** se identificaram como negras (pretas e pardas) / indígenas / amarelas
- **18%** se identificam como pertencentes a uma minoria religiosa
- **8%** se identificam como pessoas com deficiência
- **7%** se identificam como migrantes ou refugiadas
- **32%** se identificam como tendo formação superior

ENTREVISTAS QUALITATIVAS E DISCUSSÕES EM GRUPOS FOCAIS

Todas as nossas copesquisadoras tinham entre 15 e 24 anos, identificaram-se como ativistas ou estiveram envolvidas em campanhas ou atividades de ativismo. Meninas e mulheres receberam treinamento sobre entrevistas qualitativas e ética. As copesquisadoras realizaram todas as entrevistas com suas pares, que também se identificaram como ativistas, participantes de campanhas ou envolvidas em atividades relacionadas. As entrevistas foram semiestruturadas, permitindo que as meninas incluíssem suas próprias sugestões ou perguntas de acompanhamento. As entrevistas variaram em duração, mas geralmente tiveram entre 30 minutos e duas horas e foram realizadas nas plataformas Microsoft Teams, Zoom, WhatsApp e presencialmente, em um escritório da Plan, dependendo do que fosse mais conveniente para a entrevistadora e a entrevistada.

Tabela 2: Nome das copesquisadoras e pseudônimos e idades das participantes.

COPEQUISADORA	PSEUDÔNIMO DA PARTICIPANTE	IDADE
Débora Maria	Nica	24
	Adriana	24
	Eva	22
Eduarda	Amora	20
	Mada	24
	Lúcia	22

Duas meninas ativistas brasileiras participaram de uma discussão em um grupo focal em espanhol, com meninas e jovens mulheres do Paraguai.¹

- Fernanda (16)
- Bianca (17)

QUESTÕES DE CAMPANHA

PESQUISA

Foi pedido às participantes que identificassem as questões em que o seu ativismo e a participação em campanhas se concentram.² As principais questões para as meninas e jovens mulheres no mundo todo foram a igualdade de gênero (71%); o feminismo (70%), a pobreza e questões econômicas (61%). Os pontos que receberam menos indicações entre meninas e jovens mulheres no Brasil foram outras questões (20%); conflitos e consolidação da paz (22%) e violência comunitária e crime (36%).

Figura 3: Questões em foco.



Com base em um total de 147 respostas.

¹ Realizado via Zoom, com tradução simultânea para o português, para que as meninas pudessem acessar os canais relevantes para ouvir a língua portuguesa e quando falassem a intérprete traduzisse simultaneamente para o espanhol no canal em espanhol.

² As opções de resposta se basearam em um mapeamento das questões em pesquisas anteriores de pesquisas globais, que as meninas e jovens mulheres escolheram como sendo as mais importantes para elas.

ENTREVISTAS QUALITATIVAS E DISCUSSÕES EM GRUPOS FOCAIS

Quando as meninas e jovens ativistas foram perguntadas sobre as questões sobre as quais faziam campanha, elas enfatizaram a importância da educação como alicerce para a melhoria da sociedade, a base para a crítica, a identidade e a justiça.

“ A educação é o que traz a identidade ao povo, ao indivíduo, é o que traz o sentido de justiça, o sentido de crítica, a busca pela justiça. Para mim, a educação é o que conduz, o que forma os principais pilares de uma sociedade, para ser um ambiente melhor. ”
Amora, 20.

Aprofundando seu interesse pela educação, Amora (20) compartilhou as muitas facetas e áreas de impacto:

“ Certamente a educação, a educação é algo a que me dedico muito, tanto a forma como chega ao povo, a cada indivíduo, como chega a cada pessoa, a cada recorte social e como deve chegar a elas. ”

Adriana (24 anos) foi mais além do que simplesmente mencionar a educação, relacionando o tema aos direitos das crianças em geral. Ela reconheceu que a educação é apenas um dos muitos problemas que as crianças enfrentam neste momento. Ela também associa a educação infantil e adolescente ao apoio comunitário a crianças em situação de vulnerabilidade social, trabalhando com uma organização que oferece oficinas de jiu-jitsu, capoeira, dança afro e costura para crianças, para que as mães possam trabalhar e deixar seus filhos e filhas em um lugar seguro.

“ Atualmente, a minha área de atuação, de experiência e de campanha tem sido a questão das crianças, dos direitos das crianças e dos adolescentes, a partir do momento em que entendo a necessidade do jovem do presente, que não é o passado nem o futuro. Que tem a necessidade de olhar para si como um só ser, e de manter seus direitos garantidos. A partir do momento em que entendemos que o lugar da criança é além da escola, mas também em um espaço de convivência e metodologias educativas, as quais não têm acordo, não entram em consenso, principalmente com a questão educacional. ”
Adriana, 24 anos.

As meninas e jovens mulheres também aprofundaram o seu envolvimento em campanhas e atividades de ativismo relacionadas à redução da pobreza, à igualdade de gênero, questões ambientais e outros temas. Lúcia (22 anos) centrou o seu ativismo nos jovens – por exemplo, recentemente ela deu uma palestra para o Dia Internacional da Mulher. Adriana (24 anos) faz campanhas para enfrentar o ciclo de violência contra meninas e mulheres. Mada (24 anos) também trabalha em um projeto que se concentra na sensibilização sobre a violência baseada em gênero (VBG) e na prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes. O projeto também visa promover a educação sexual nas escolas. Eva (22 anos) faz campanha sobre a

igualdade de gênero. Como ativista, ela reconhece que isto afeta a vida cotidiana das meninas e jovens mulheres, assim como os seus direitos. Ela passa a maior parte do seu tempo criando campanhas sobre a prevenção da VBG com meninos e meninas, mas também participa ocasionalmente de atividades de arrecadação de fundos.

“ Bem, eu estou envolvida na luta pelos direitos das meninas, jovens e mulheres – de forma que vi a necessidade de participar, porque não tive esse incentivo, e percebi que muitas coisas aconteceram comigo porque não tinha alguém para me orientar, alguém para incentivar toda a luta pelos direitos das meninas... Todo esse ciclo que é também uma luta contra o patriarcado. ”
Eva, 22 anos

A saúde e os direitos sexuais e reprodutivos (SDSR) também foram identificados como uma prioridade para o ativismo. Nica (24 anos) reconheceu os desafios que ela e outras pessoas como ela enfrentam em relação à higiene menstrual. Nica descreveu como o preço dos produtos menstruais perpetua a pobreza higiênica e significa que meninas e jovens mulheres têm de recorrer a práticas pouco higiênicas, como suas mães fizeram antes delas. Nica também observou como a pobreza menstrual deve ser entendida no contexto mais amplo da igualdade e da independência financeira das mulheres, que são questões centrais negligenciadas pelos governos anteriores. Mada (24 anos) também tem trabalhado na questão da higiene menstrual, comprando produtos menstruais e distribuindo esses itens, junto com preservativos e folhetos informativos, para a comunidade.

Bianca (17 anos) também enfatizou a importância de ensinar sobre SDSR a jovens. Ela destacou que meninas como ela não têm informações e não sabem quase nada sobre saúde menstrual, por isso é necessário difundir o conhecimento.

As ativistas discutiram suas opiniões sobre as ações governamentais, especialmente em diferentes níveis (nacional, municipal e estadual). Elas apontaram a necessidade de medidas mais profundas e eficazes na abordagem de questões como SDSR, igualdade de gênero e resolução de conflitos. As ativistas também destacaram os desafios das iniciativas de campanha. Um exemplo mencionado foi a campanha de combate a pobreza menstrual, que exige soluções mais abrangentes para além da simples distribuição de produtos.

Além disso, as meninas e jovens mulheres destacaram a necessidade de uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados e de uma abordagem holística para tratar as questões sociais. As ativistas também mencionaram a falta de ação dos governos para tratar questões relacionadas à pobreza menstrual, ao encarceramento e ao planejamento urbano, destacando a importância de envolver as comunidades nos processos de tomada de decisão.

“ Nas esferas municipal e estadual, temos a campanha da entrega de absorventes, mas ela para por aí, e é preciso entender que existem mais questões, circunstâncias que precisam ser resolvidas, precisam ter não apenas uma distribuição de produtos ou um apoio à questão da pobreza menstrual. A questão da pobreza menstrual vai além da distribuição de absorventes higiênicos. ”

Adriana, 24 anos.

As meninas e jovens ativistas também falaram sobre as deficiências do governo e a possível não adesão aos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), enfatizando a importância de envolver a população na tomada de decisões. A conversa abordou vários temas, desde os direitos das crianças, educação e preocupações ambientais, destacando a necessidade de políticas abrangentes que considerem diversas perspectivas e evitem a marginalização.

FONTES DE CONHECIMENTO SOBRE AS QUESTÕES

Quando as meninas e jovens ativistas foram questionadas sobre as fontes de conhecimento para suas campanhas, suas respostas variaram desde os meios mais tradicionais, como livros e jornais, até formas mais modernas, como as redes sociais. Em termos de meios mais tradicionais, Adriana (24 anos) e Amora (20 anos) compartilharam:

“ Eu utilizo fontes como séries, documentários, livros e autores como Bell Hooks, como Angela Davis.... Malcolm X, textos marxistas, entre outras coisas. ”

Adriana, 24 anos.

“ O meu conhecimento vem principalmente de jornais... telejornais, mas também podcasts, jornais e artigos em sites de jornais também. ”

Amora, 20 anos.

Em relação a fontes de conhecimento mais tecnológicas, Mada (24 anos) compartilhou que utiliza múltiplas fontes de mídias sociais, junto com a internet:

“ Eu sigo muitas páginas desse tipo, principalmente no Instagram, de grupos de pesquisa, grupos até como o da Plan International, que trabalham com questões de mulheres e questões de gênero. E também tenho um alerta do Google, que é principalmente para me manter atualizada sobre temas sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. E aí sempre que tem alguma novidade eu fico de olho para ver os movimentos. ”

Mada, 24 anos.

Fernanda (16 anos) disse que também aprende com mídias como vídeos e filmes em que as mulheres lutam por seus direitos. Ela disse que isso a ajudou a perceber que não está sozinha nessa luta:

“ Vemos que não estamos sozinhas, temos que ser líderes de nossas próprias vidas e difundir conhecimento. ”

Fernanda, 16 anos.

TIPO E NÍVEL DE ATIVISMO

Quando as meninas e jovens ativistas foram questionadas sobre como conduzem suas campanhas, as participantes discutiram os benefícios do trabalho coletivo, os métodos organizacionais necessários para a ação coletiva e o equilíbrio entre abordagens individuais e em grupo. As ativistas destacaram o valor das diversas perspectivas, das responsabilidades compartilhadas e da capacidade de criar um impacto mais significativo por meio do envolvimento coletivo. Lúcia (22 anos) gosta de trocar ideias com outras pessoas em conversas presenciais. Ela observou que às vezes também faz isso on-line, e que isso acontece com mais frequência desde a pandemia.

Eva (22 anos) compartilhou que gosta de usar uma mistura de abordagens individuais e colaborativas:

“ Sempre gostei do processo de trabalho, o trabalho compartilhado e o trabalho individual, porque entendo que não pode ser feito só por mim. ”

Nica (24 anos) compartilhou que prefere o trabalho coletivo por seus benefícios:

“ Acho que trabalhar coletivamente é muito melhor, porque tem mais troca, você aprende mais com outras pessoas. Você também pode se colocar no lugar da outra. Acho que é muito mais proveitoso do que fazer um trabalho individual e de cair no erro das outras pessoas, e ser muito individualista. Particularmente, não gosto. Acho que é melhor coletivamente, acho que acrescenta mais. ”

Amora (20 anos) compartilhou que o trabalho coletivo a ajuda a saber que não está sozinha em sua jornada de ativismo e que as outras pessoas se preocupam tanto quanto ela:

“ Conversar com outras pessoas faz muita diferença. E me sinto menos sozinha. Isso me dá esperança, porque nesse tipo de luta às vezes você se sente muito sozinha. Mas quando converso com outras pessoas que se importam como eu, que também estão lutando com isso, sinto muita esperança. Não me sinto só quando faço esse tipo de atividade... E acabamos sempre aprendendo outras perspectivas, outras questões. Como podemos resolver algo, até onde [o trabalho] realmente foi? Às vezes, sentimos que não estamos avançando, mas conversar com outras pessoas nos faz sentir melhor. ”

A maioria das ativistas gosta de concentrar o seu trabalho nas comunidades ou direcioná-lo para suas pares. Adriana (24 anos) concentra seu ativismo na esfera municipal por meio de seu trabalho como conselheira tutelar. Lúcia (22 anos) gosta de concentrar o seu ativismo localmente com jovens, em vez de fazer isso nacional ou internacionalmente. Eva (22 anos) compartilhou que começou a trabalhar com advocacy em sua comunidade, o que mais tarde deu a ela outras oportunidades na esfera nacional, e destacou a importância do ativismo de base como ponto de partida:

“ Isso me deu a oportunidade de participar de uma campanha nacional para enfrentar os ciclos de violência contra as mulheres. Dessa inquietação nasceu uma campanha nacional. ”
Eva, 22 anos.

PERCEPÇÕES DO IMPACTO DO ATIVISMO

ATIVIDADES DE MAIOR IMPACTO

Foi pedido às meninas e jovens ativistas que escolhessem as atividades de maior impacto em que participaram. As opções escolhidas com mais frequência foram: utilizar talentos para o propósito de uma campanha (36%), juntar-se a um grupo para promover mudanças sociais ou sistêmicas (36%), organizar ou ajudar (28%).

Tabela 3: Atividades percebidas como de maior impacto.

ATIVIDADES DE MAIOR IMPACTO	%
Arrecadaram fundos para um grupo ou organização para apoiar atividades de campanha	12%
Falaram ou se envolveram em atividades de <i>advocacy</i> ou em campanhas (on-line ou pessoalmente)	25%
Falaram com a mídia como parte de uma campanha	27%
Participaram de um grupo para promover mudanças sociais ou sistêmicas (on-line ou pessoalmente)	36%
Envolveram suas redes por uma ativista, grupo de <i>advocacy</i> ou campanha (on-line ou pessoalmente, de forma voluntária)	25%
Envolveram-se em protestos individuais, como boicotar marcas	12%
Utilizaram suas habilidades ou talentos (por exemplo, redação, organização, criação ou arte) em atividades de <i>advocacy</i> , influência ou campanha	36%
Pressionaram pessoas com poder de decisão (de forma pessoal ou voluntária)	18%
Participaram de manifestações, protestos, marchas ou outras atividades similares	28%
Participaram de greves, sindicatos ou atividades semelhantes em contexto de trabalho	12%
Organizaram ou ajudaram a organizar um grupo ou movimento (on-line ou pessoalmente)	29%
Criaram ou organizaram uma petição (on-line ou pessoalmente)	9%
Nenhuma	1%
Preferem não dizer	1%

Com base em um total de 147 respostas.

37% das pesquisadas afirmaram que o impacto do seu ativismo ficou abaixo ou muito abaixo das expectativas (ver tabela abaixo), enquanto 54% consideraram que correspondeu ou ficou acima ou muito acima das expectativas.

Figura 4: Até que ponto o impacto foi alcançado.



Com base em um total de 147 respostas.

EFEITOS POSITIVOS DA PARTICIPAÇÃO

Perto de 90% das meninas e jovens ativistas disseram que sentem orgulho e satisfação por terem contribuído para a mudança, 65% disseram que desenvolveram novas competências e quase 30% disseram que têm a admiração da sua comunidade, bem como outros efeitos positivos.

Tabela 5: Efeitos positivos como resultado do ativismo.

OS EFEITOS FORAM POSITIVOS PORQUE	%
Desenvolvi minha autoconfiança	55%
Desenvolvi ou aprendi novas habilidades	65%
Construí minha rede profissional ou pessoal	26%
Senti orgulho e satisfação por contribuir para a mudança	86%
Tenho a admiração da minha comunidade	29%
Outros efeitos positivos	29%
Nenhuma das alternativas acima	1%
Preferem não responder	3%

Com base em um total de 147 respostas.

ENTREVISTAS QUALITATIVAS E DISCUSSÕES EM GRUPOS FOCAIS

As meninas e jovens ativistas discutiram o impacto do seu ativismo e as percepções sociais mais amplas do seu trabalho. As participantes também refletiram sobre as formas como o seu ativismo as afetou pessoalmente e as mudanças que acreditam ter trazido às áreas pelas quais são apaixonadas.

A maioria das meninas e jovens mulheres sentem que o seu ativismo e campanha fizeram diferença. No entanto, algumas destacaram que isso ocorreu em graus variados. A maioria afirmou que isso ocorreu a nível comunitário ou local. Por exemplo, Bianca (17) falou sobre como acha que a capacidade de compartilhar conhecimentos com outras meninas tem impacto. Ela acredita que poder alcançar cada vez mais meninas através de projetos é um esforço positivo:

“ Elas saem transformadas e com uma expressão no rosto... de que podem mudar seu futuro. Elas podem fazer o que quiserem. ”
Bianca, 17 anos.

“ Você percebe que as pessoas ao seu redor agradecem pelo seu trabalho ou pedem para não interrompermos o trabalho. Faz diferença até para nós. ”
Eva, 22 anos.

As ativistas também expressaram a opinião de que o valor do ativismo desencadeia em discussões e aumenta a sensibilização, mesmo que os resultados tangíveis imediatos nem sempre sejam evidentes. Várias ativistas observaram um envolvimento positivo das mulheres no ativismo, mas notaram que alguns segmentos da sociedade ainda veem o trabalho com ceticismo.

“ Vejo muitas mulheres em muitas iniciativas que trabalham estas questões de igualdade de gênero e acesso à educação. ”
Mada, 24 anos.

“ Sinto que ainda há uma parte da sociedade que acredita que o ativismo não é uma coisa séria. Mas acho que em relação a mim... sinto que quem está perto vê com admiração. ”
Mada, 24 anos.

Duas das ativistas reconheceram que embora tenham feito a diferença, sentem que poderiam ter feito mais. Destacaram os desafios que enfrentaram devido às limitações de tempo e à necessidade de adaptar as suas abordagens com base nos interesses da sua comunidade.

“ Sinto que fez um pouco de diferença, mas acho que poderia ter feito mais. ”
Adriana, 24 anos.

“ Entendo que não consegui dedicar o tempo necessário para desenvolver determinadas formas de trabalho. ”
Adriana, 24 anos.

Outras ativistas como Nica (24 anos), Eva (22 anos) e Amora (20 anos) notam que o ativismo permitiu que elas causassem um impacto em suas próprias vidas. Amora observou como o ativismo lhe ajudou a construir a sua compreensão do mundo e de si mesma, o que pode ter efeitos positivos para a sociedade como um todo.

“ [O ativismo] me mudou profundamente... Eu sei qual é o meu papel aqui, e é isso que nos dá motivação para continuar, mesmo em meio a todas essas injustiças... Então eu acho que o que aconteceu comigo, a visão que eu tive do mundo, de entender isso, é o que me move. E para as pessoas, para outras meninas entenderem me fazerem outras meninas se questionarem sobre isso, é muito bom. Porque eu sei que a partir daí a gente começa a mudar as coisas, a gente passa a ter uma identidade, a gente passa a se entender e não ser só um espelho do que a sociedade quer que a gente seja, né? Então, acho que foi isso que aconteceu comigo, e que quero que outras meninas entendam. E por isso acho fundamental que estejamos sempre conversando e despertando o interesse de outras pessoas... que busquemos ser melhores como sociedade, como povo. ”
Amora, 20 anos.

“ Com certeza faz muita diferença na minha consciência, no que quero ser quando adulta e mais tarde, na minha vida profissional, na minha vida comunitária e familiar. ”
Nica, 24 anos.

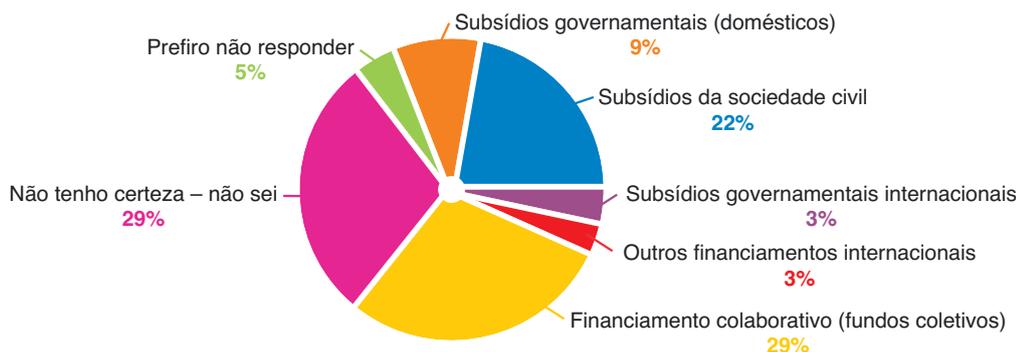
Eva também sente que se beneficiou da participação no ativismo e nas campanhas, mas observou que é preciso sair da sua zona de conforto para aproveitar plenamente a oportunidade:

“ Você tem que se disponibilizar para estar em um ambiente que não é o seu habitual e fora da sua zona de conforto. Aí você também se enriquece com essas trocas. ”
Eva, 22 anos.

FUNDOS PARA APOIAR O ATIVISMO

O financiamento para as campanhas em que as jovens mulheres participam vem predominantemente de iniciativas governamentais internacionais. Cerca de 29% das entrevistadas não sabiam sobre a origem do financiamento e 29% relataram ter sido financiadas através de fundos coletivos.

Figura 5: Financiamento para as campanhas.



ENTREVISTAS QUALITATIVAS E DISCUSSÕES EM GRUPOS FOCAIS

A maioria das meninas e jovens mulheres não sabia de onde vinham as fontes de financiamento. Adriana (24) disse que algumas das campanhas das quais participou foram financiadas pelo governo, enquanto Nica (24) recebeu financiamento de uma ONG e também, recentemente, fundos estrangeiros (da Alemanha) para fazer campanha. No entanto, ela destaca a sua luta para buscar formas de patrocínio que possam apoiar o seu ativismo, e diz que na maioria das vezes acaba custeando as despesas adicionais associados à campanha:

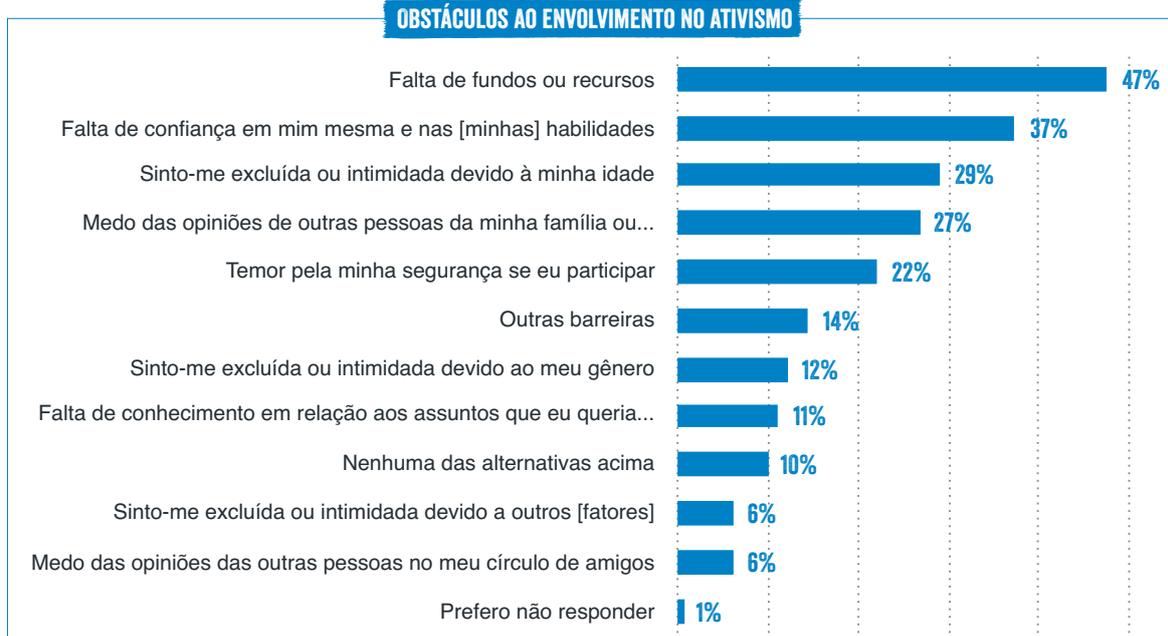
“ Acho que é muito precário. Sempre achei muito precário. Essa questão da sustentabilidade financeira, que nos atrapalha muito, porque tiramos dinheiro de onde não temos. Na maioria das vezes, quando temos, é para nós mesmas, para arcar com nossas próprias despesas. No dia a dia de uma jovem... é [preciso ter] sempre muito cuidado com essas questões... Então, a gente tira do próprio bolso. A dificuldade de pagar um ingresso, de pagar um lanche em um evento social é muito comum, não é? E é isso que mais acontece. ”

OBSTÁCULOS PARA O ATIVISMO

PESQUISA

Quando perguntadas sobre selecionar as principais barreiras que as impedem de se envolverem em atividades de ativismo, influência e campanha, as mais frequentemente identificadas foram a falta de financiamento ou recursos, a falta de confiança em si próprias e em suas competências, e o sentimento de exclusão ou intimidação devido à idade.

Figura 6: Obstáculos para o engajamento no ativismo.



Com base em um total de 147 respostas.

Em relação às experiências negativas vividas durante o ativismo, 36% disseram que se sentiram mal – emocional ou psicologicamente – ou ansiosas, e 30% disseram que não se sentiam ouvidas pelos adultos.

Tabela 6: Experiências negativas durante a participação em atividades de ativismo, campanha ou influência:

EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS DURANTE A PARTICIPAÇÃO	%
Eu me senti mal (emocional ou psicologicamente) ou ansiosa	36%
Não me senti ouvida pelos adultos	30%
Senti que os adultos só me incluíam devido à minha idade e gênero, mas não levavam as minhas opiniões totalmente em conta	22%
Eu me senti intimidada por outras pessoas ou sofri <i>bullying</i>	14%
Eu temi pela minha segurança	29%
Enfrentei dificuldades financeiras	18%
Tive experiências negativas que me fizeram parar de me envolver em atividades de ativismo, campanha ou influência	12%
Outras experiências negativas	16%
Nenhuma das alternativas acima	16%
Prefero não responder	3%

Com base em um total de 147 respostas.

ENTREVISTAS QUALITATIVAS E DISCUSSÕES EM GRUPOS FOCAIS

Quando perguntadas sobre as barreiras enfrentadas no envolvimento no ativismo, as meninas e jovens participantes destacaram várias dificuldades e desafios. Estes desafios incluem a oposição daqueles que estão no poder, restrições financeiras, normas comunitárias, censura e insegurança sobre a sua credibilidade.

As meninas e jovens ativistas também discutiram como as suas comunidades, famílias e a sociedade em geral reagem aos seus esforços de ativismo. Elas mencionaram uma mistura de reações de apoio e críticas, indicando que embora haja aqueles que apreciam o seu trabalho, há também indivíduos que são céticos ou mesmo que se opõem aos seus esforços. Por exemplo, Adriana (24 anos) compartilhou:

“ Tem gente que apoia, que entende o processo, tem gente que finge que entende o processo, tem gente que está ali só para criticar. ”

Fernanda (16 anos) e Bianca (17 anos) sentem que as normas e costumes comunitários dificultam a realização do seu ativismo. Fernanda compartilhou que é difícil falar com sua família e as pessoas das gerações mais velhas sobre suas campanhas, pois elas não compreendem a mensagem sobre as meninas terem direitos. Mada (24 anos) também repetiu que pode ser uma luta para as pessoas levarem a sério o seu ativismo:

“ Sinto que ainda há uma parte da sociedade que acredita que o ativismo não é uma coisa séria, que não é um trabalho que faz diferença. ”
Mada, 24 anos.

Tanto Adriana (24 anos) como Eva (22 anos) destacaram as dificuldades por conta de crenças religiosas nas suas comunidades. Adriana relatou a vivência em uma realidade onde a defesa dos direitos humanos é dificultada pela forte predominância de pessoas com posicionamentos conservadores influenciados por crenças religiosas quanto Eva descreve uma campanha que realizou sobre a violência contra as mulheres e que enfrentou muitas críticas em sua comunidade, que é uma área religiosa:

“ [A campanha] enfrentou muitas críticas de muitas pessoas, porque estávamos mudando a estrutura ou o status quo. Quem não sabe que a maioria das meninas e mulheres que sofrem violência estão dentro de círculos religiosos? Porque, querendo ou não, se a religião não for usada da maneira correta... acaba sendo objeto de silenciamento. ”
Eva, 22 anos.

Algumas participantes também destacaram casos de censura ou tentativas de silenciar o seu ativismo. Apesar destes desafios, muitas acreditam que as suas ações têm um impacto positivo, particularmente em termos de sensibilização, abertura de discussões e desafio de tabus.

Independentemente destas dificuldades, as participantes enfatizaram a importância de não desistir e encontrar forças nestes desafios para continuar o seu trabalho.

“ O principal é não desistir e, de fato, ver a sua luta como uma luta transformadora, porque de alguma forma ela te transforma. Aí você sabe que isso vai transformar a vida de outra pessoa ou de outras pessoas. ”
Eva, 22 anos.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)

As meninas e jovens ativistas discutiram a sua familiaridade com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e como os incorporaram nos seus esforços de ativismo. Muitas participantes já tinham ouvido falar dos ODS, mas o seu nível de compreensão variava. Por exemplo, Adriana (24 anos) compartilhou que não conhecia os ODS.

O FUTURO DO ATIVISMO

A maioria das meninas e mulheres ativistas compartilharam que queriam continuar o seu trabalho no ativismo e nas campanhas. Os principais pontos abordados pelas ativistas incluíram o desejo de crescimento e impacto pessoal, a importância dos esforços coletivos e os objetivos de inspirar outras pessoas e criar mudanças duradouras.

Adriana (24 anos) compartilhou que a carreira dos seus sonhos é onde ela possa lutar pela transformação social. Ela também falou sobre suas aspirações e os efeitos que imagina ter em outras mulheres.

“ Quero olhar para trás e ver que inspirei outras meninas a também iniciarem sua jornada, a se movimentarem, a não ficarem caladas como mulheres. ”
Adriana, 24 anos.

PEDIDOS DE APOIO

Quando perguntadas sobre o que a Plan International ou ONGs semelhantes poderiam fazer para apoiar meninas e mulheres no seu ativismo, várias participantes mencionaram a necessidade de apoio na divulgação das mensagens relacionadas com o seu ativismo. Outras ativistas, como Eva (22 anos) e Adriana (24 anos), compartilharam a necessidade de maior apoio em termos de financiamento.

RECOMENDAÇÕES

É fundamental que os atores em todos os espaços de tomada de decisão apoiem a ação coletiva das meninas e jovens mulheres e reconheçam o seu valor e papel na sociedade civil. Existem cinco caminhos principais para alcançar isso.

- 1.** Aumentar o montante de fundos flexíveis e diversificados para grupos e redes de base liderados por meninas e jovens mulheres.
- 2.** Fortalecer a participação das meninas adolescentes e jovens mulheres na vida cívica e política: isto implica ceder poder a grupos de base liderados por meninas e jovens e proporcionar acesso aos papéis de decisões através de um espaço cívico aberto e seguro.

3. Eliminar as barreiras ao ativismo das meninas e jovens mulheres e as crescentes reações negativas contra aquelas que são politicamente ativas a nível familiar, nacional e internacional, especialmente num contexto de fortes movimentos antidireitos e de aumento da discriminação de gênero.
4. Apoiar a educação das meninas e jovens mulheres em todos os níveis, incluindo o desenvolvimento das competências interpessoais necessárias para aumentar a autoconfiança, melhorar as habilidades de comunicação e reforçar o potencial de liderança.
5. Aumentar em âmbito político, os investimentos e o compromisso com a igualdade de gênero entre os Estados-Membros como uma prioridade transversal para a Agenda 2030 na cúpula dos ODS e para os demais ODS.

CHAMADAS À AÇÃO³

1. FORNECER RECURSOS FINANCEIROS E APOIO NÃO FINANCEIRO

Os doadores governamentais, filantropos, órgãos financiadores e organizações da sociedade civil devem:

- **Aumentar** a disponibilização de fundos flexíveis e adaptáveis a grupos, organizações e redes liderados por meninas e jovens para apoiar o seu trabalho. Isto envolve a incorporação de financiamentos iniciais e outros tipos de fundos flexíveis e a inclusão de patrocínios e financiamentos de longo prazo, que respondam às suas prioridades e aos contextos em que operam.
- **Fornecer** apoio não financeiro, de acordo com as necessidades das meninas.
- **Reavaliar** a disposição para o risco para transferir mais poder e confiança para as jovens, incluindo a remoção de quaisquer barreiras burocráticas que impeçam as meninas ativistas e os grupos liderados por jovens mulheres de acessarem financiamento e outros apoios não financeiros.
- **Fornecer** recursos financeiros através de processos de patrocínio mais inclusivos e participativos, concebidos em conjunto com as meninas.
- **Fornecer** remuneração justa e adequada. As organizações que trabalham com meninas e jovens precisam pagar pelo seu tempo e experiência.

2. FORTALECER O ENVOLVIMENTO SIGNIFICATIVO DAS MENINAS E JOVENS MULHERES EM TODAS AS ÁREAS DA VIDA PÚBLICA, FACILITANDO O SEU ACESSO AOS DECISORES

Os governos devem:

- **Remover** quaisquer barreiras institucionais que restrinjam a liberdade de associação e reunião dos grupos liderados por meninas e dos grupos de jovens, seu acesso à informação e seu direito à privacidade e a serem ouvidas.
- **Garantir** que as leis e políticas nacionais possibilitem que as meninas e jovens mulheres

³ Observe, por favor, que esta é uma versão resumida das chamadas à ação; para obter detalhes completos da lista, consulte o relatório SOTWG 2023: Transformando o Mundo: Meninas e Jovens Mulheres Ativistas liderando a luta pela igualdade – Relatório Técnico. Disponível em: <https://plan-international.org/publications/turning-world-around>.

optem por se organizar dentro de movimentos ou associações e registrem-se legalmente ou não, sem repercussão nas suas atividades ou nas suas opções de financiamento.

- **Fornecer**, juntamente com as autoridades locais, os espaços e recursos necessários para permitir que grupos liderados por meninas e jovens se envolvam no diálogo público e na tomada de decisões como membros da sociedade civil.
- **Adotar**, elaborar, implementar e monitorar leis e políticas nacionais para garantir que as meninas e jovens ativistas, em toda a sua diversidade, sejam capazes de contribuir ativamente para a vida pública.

Os governos, a administração local e os ministérios nacionais devem:

- **Aumentar**, fortalecer e financiar adequadamente as estruturas já existentes que permitem a participação das meninas e jovens nos mecanismos formais de governança, como os conselhos nacionais da juventude e os parlamentos infantis e juvenis.

As Nações Unidas, os governos e a comunidade internacional devem:

- **Cumprir** o seu compromisso com a participação significativa das meninas e jovens mulheres na definição, implementação e monitoramento de agendas e modelos de desenvolvimento global.

3. ELIMINAR AS BARREIRAS AO ATIVISMO DAS MENINAS E JOVENS MULHERES E AS CRESCENTES REAÇÕES NEGATIVAS CONTRA AQUELAS QUE SÃO POLITICAMENTE ATIVAS

Os governos devem:

- **Garantir que** as meninas e jovens ativistas possam falar sem medo de ameaças, assédio ou violência, tanto on-line quanto em espaços públicos, por meio de campanhas de mudança de normas sociais, aplicação de leis e políticas e mecanismos de denúncia fortalecidos.

Os decisores políticos governamentais e as empresas de redes sociais devem:

- **Assumir a responsabilidade** pela criação de um espaço cívico on-line aberto, acessível e seguro para meninas e jovens ativistas, proporcionando-lhes conectividade significativa e o acesso seguro à Internet.

As organizações nacionais, regionais e internacionais de direitos humanos e os governos devem:

- **Tomar medidas** para monitorar a situação específica das meninas e jovens defensoras dos direitos humanos e tomar medidas adequadas para protegê-las e empoderá-las.

Os governos, os doadores, as ONGs e os movimentos de justiça de gênero devem:

- **Fornecer recursos e apoiar** o bem-estar e a segurança de grupos liderados por meninas que defendem a causa nas linhas de frente. As meninas precisam de espaço para processar e apoiar a sua saúde psicossocial ao lidar com a violência sistêmica e a discriminação.

As organizações internacionais, incluindo organismos da ONU, parcerias e ONGs devem:

- **Investir** e apoiar programas de longo prazo, incluindo projetos de mentoria, que proporcionam oportunidades precoces e apoio sustentado às meninas e jovens mulheres que optam por falar e fazer campanhas em suas comunidades.

4. APOIAR A EDUCAÇÃO DAS MENINAS E JOVENS MULHERES EM TODOS OS NÍVEIS

Os Ministérios da Educação devem:

- **Assegurar** a oferta de uma educação transformadora de gênero, inclusiva e de qualidade, que inclua um foco nos direitos humanos e na educação cívica. Equipar todas as crianças e jovens, especialmente meninas e jovens mulheres, com as competências, conhecimentos, consciência crítica e experiência necessários para se sentirem confiantes para se envolverem na vida cívica e política como ativistas, defensoras e cidadãs informadas.

As partes interessadas na escola (professores/as, conselhos e pais/mães) devem:

- **Proporcionar**, especialmente às meninas, oportunidades para desenvolverem as competências interpessoais essenciais para influenciar, incluindo o desenvolvimento de competências de liderança e de falar em público, e o acesso a processos de tomada de decisão no âmbito das estruturas de governança escolar, tais como conselhos escolares e eleições.

As ONGs e a sociedade civil devem:

- **Reconhecer** o valor das meninas e jovens ativistas para realizar mudanças. Apoiar o desenvolvimento de competências de influência crítica: construir ações de *advocacy* eficazes, fazer *lobby* junto aos detentores do poder, transitar por diferentes espaços políticos e influenciar processos. O foco deve estar no desenvolvimento de competências interpessoais, incluindo liderança e falar em público.

5. OS ESTADOS-MEMBROS DEVEM AUMENTAR A SUA VONTADE POLÍTICA, OS INVESTIMENTOS E O COMPROMISSO COM A IGUALDADE DE GÊNERO COMO UMA PRIORIDADE TRANSVERSAL PARA A AGENDA 2030 NA CÚPULA DOS ODS E PARA OS DEMAIS ODS

Os governos nacionais devem:

- **Apoiar** a igualdade de gênero e os direitos das meninas no quadro dos ODS. Apelamos aos Estados-Membros para que façam declarações firmes de intenções na cúpula e afirmem fortes compromissos globais e nacionais para investir na igualdade de gênero e em intervenções para meninas adolescentes em todos os ODS.
- **Investir** em dados desagregados por gênero e por idade que rastreiem adequadamente o progresso nos ODS.
- **Assumir a responsabilidade** pela criação de um espaço cívico on-line aberto, acessível

e seguro para meninas e jovens ativistas, proporcionando conectividade significativa e o acesso seguro à Internet.

As organizações nacionais, regionais e internacionais de direitos humanos e os governos devem:

- **Tomar medidas** para monitorar a situação específica das meninas e jovens defensoras dos direitos humanos e tomar medidas adequadas para protegê-las e empoderá-las.

Os governos, os doadores, as ONGs e os movimentos de justiça de gênero devem:

- **Fornecer recursos e apoiar** o bem-estar e a segurança de grupos liderados por meninas que defendem a causa nas linhas de frente. As meninas precisam de espaço para processar e apoiar a sua saúde psicossocial ao lidar com a violência sistêmica e a discriminação.

As organizações internacionais, incluindo organismos da ONU, parcerias e ONGs, devem:

- **Investir** e apoiar programas de longo prazo, incluindo projetos de mentoria, que proporcionam oportunidades precoces e apoio sustentado às meninas e jovens mulheres que optam por falar e fazer campanhas em suas comunidades.

6. APOIAR A EDUCAÇÃO DAS MENINAS E JOVENS MULHERES EM TODOS OS NÍVEIS

Os Ministérios da Educação devem:

- **Assegurar** a oferta de uma educação transformadora de gênero, inclusiva e de qualidade, que inclua um foco nos direitos humanos e na educação cívica. Equipar todas as crianças e jovens, especialmente meninas e jovens mulheres, com as competências, conhecimentos, consciência crítica e experiência necessários para se sentirem confiantes para se envolverem na vida cívica e política como ativistas, defensoras e cidadãs informadas.

As partes interessadas na escola (professores/as, conselhos e pais/mães) devem:

- **Proporcionar**, especialmente às meninas, oportunidades para desenvolverem as competências interpessoais essenciais para influenciar, incluindo o desenvolvimento de competências de liderança e de falar em público, e o acesso a processos de tomada de decisão no âmbito das estruturas de governança escolar, tais como conselhos escolares e eleições.

As ONGs e a sociedade civil devem:

- **Reconhecer** o valor das meninas e jovens ativistas para realizar mudanças. Apoiar o desenvolvimento de competências de influência crítica: construir ações de advocacy eficaz, fazer lobby junto aos detentores do poder, transitar por diferentes espaços políticos e influenciar processos. O foco deve estar no desenvolvimento de competências interpessoais, incluindo liderança, falar em público e autoconfiança.

7. OS ESTADOS-MEMBROS DEVEM AUMENTAR A SUA VONTADE POLÍTICA, OS INVESTIMENTOS E O COMPROMISSO COM A IGUALDADE DE GÊNERO COMO UMA PRIORIDADE TRANSVERSAL PARA A AGENDA 2030 NA CÚPULA DOS ODS E PARA OS DEMAIS ODS.

Os governos nacionais devem:

- **Apoiar** a igualdade de gênero e os direitos das meninas no quadro dos ODS. Apelamos aos Estados-Membros para que façam declarações firmes de intenções na cúpula e afirmem fortes compromissos globais e nacionais para investir na igualdade de gênero e em intervenções para meninas adolescentes em todos os ODS.
- **Investir** em dados desagregados por gênero e por idade que rastreiem adequadamente o progresso nos ODS.
- **Fornecer** treinamento adequado nos processos de monitoramento de dados e utilizar ferramentas como os *Citizen Scorecards* com meninas, grupos de jovens e comunidades, para que os governos possam ser responsabilizados.

Os decisores políticos internacionais e os governos nacionais devem:

- **Promover e incentivar** a propriedade da Agenda dos ODS a nível de base, fornecendo informações acessíveis e práticas sobre os ODS, e também conceber intervenções relacionadas aos ODS, em parceria direta com as meninas, para maximizar seu impacto e relevância para as ativistas locais e as suas comunidades.
- **Comprometer-se** com o envolvimento sistemático e contínuo com meninas adolescentes e jovens mulheres ativistas: a consulta regular e o diálogo sobre as questões que afetam as suas vidas garantirão que as jovens ativistas possam ajudar a impulsionar a mudança e cumprir a promessa dos ODS de um mundo melhor, adequado para enfrentar os desafios de hoje.

Os governos e a sociedade civil devem:

- **Incentivar** as meninas e jovens a participarem dos mecanismos formais de responsabilização do quadro dos ODS, tais como as Revisões Nacionais Voluntárias. Quando as meninas são excluídas destes espaços, devem ser apoiadas para se envolverem em relatórios paralelos e alternativos, onde o progresso a partir das suas perspectivas possa ser capturado.



Sobre a Plan International

Uma organização humanitária, não-governamental e sem fins lucrativos que promove os direitos das crianças, adolescente e a igualdade para as meninas. Acreditamos no potencial de todas as crianças, mas sabemos que as meninas são as maiores afetadas.

Trabalhando em conjunto com uma rede de parcerias, enfrentamos as causas dos desafios de meninas e crianças em situação vulnerável. Impulsionamos mudanças na prática e na política nos níveis local, nacional e global. Atuamos há mais de 80 anos e hoje estamos presentes em mais de 70 países.

Sobre a Plan International Brasil

A Plan International chegou ao Brasil em 1997. Desde então, se dedica a garantir os direitos e promover o protagonismo das crianças, adolescentes e jovens, especialmente meninas, por meio de seus projetos, programas e ações de incidência e de mobilização social.

Tem também viabilizado condições de subsistência em comunidades que sequer tinham acesso a recursos essenciais, como a água. Implementamos projetos no Maranhão, no Piauí, na Bahia e em São Paulo.

Nossas estratégias, atuando em rede com outras organizações do terceiro setor e movimentos sociais, têm pautado as demandas das meninas em novos espaços do Legislativo, Executivo e na sociedade civil, alcançando todo o território nacional. Considerada uma das organizações mais confiáveis do país, a Plan International Brasil ficou entre as 100 Melhores ONGs do país em 2021 e tem a certificação A+ no Selo Doar Gestão e Transparência, sendo também a melhor ONG no Maranhão.

Plan International Brasil

Rua Enxovia, 472 – Sala 1.007
Edifício Neo Corporate

Chácara Santo Antônio São Paulo/SP

CEP: 04711-030

Tel.: +55 (11) 4420-8081

plan.org.br

 facebook.com/planinternationalbrasil

 twitter.com/planbr

 instagram.com/planbrasil

 linkedin.com/plan-international-brasil

 youtube.com/user/planbrasiltv